

MANUEL FERREIRA DA CUNHA (1863-1946)



Ainda conheci – e fiz-lhe montes de diabruras de que hoje me penitencio, e que ele aceitava com extremada paciência –, e dele me lembro com perfeita nitidez, o Sr. Cunha.

Era um homem baixinho, de passo miudinho, sempre muito bem agasalhado, exibindo uma enorme e farfalhada bigodeira retorcida, encavalitada no beíço, que ele continuamente cofiava, à medida que dum modo pausado ia dando conselhos e avisos, em jeito professoral, didáctico, num tom de voz e atitude, amainados, fazendo gala de uma viva inteligência.

Manuel Ferreira da Cunha tinha sido o proprietário da **Farmácia Cunha**, hoje **Farmácia Senos**. E foi ele, solteiro, sem filhos, que sabendo dos parcos – ou nenhuns! – recursos materiais de minha Mãe, mas admirando-lhe a vivacidade, a pertinácia, e a seriedade, a mandou chamar, e lhe propôs condições muito especiais que lhe proporcionaram vir a ter a propriedade da farmácia, sob o encargo de uma renda vitalícia a pagar à irmã solteira de Ferreira da Cunha, D. Guilhermina.

Esta Farmácia tem uma **história** de cerca de **duzentos anos (1836-2008)**.

É certamente – talvez com a Farmácia Dinis Gomes – um dos estabelecimentos comerciais, com porta aberta há mais anos, na cidade.

Era – e hoje ainda o é, mesmo depois de modernizada -um *exemplar de catálogo* das mais bonitas farmácias de País, com referência específica e destacada nos livros que abordam a história farmacêutica nacional.

A sua traça inicial – que foi o mais possível respeitada no conceito, aquando da sua modernização – mostrava um esplendoroso móvel expositor com alçado em arco, ladeado por colunas maciças de madeira, apoiadas em parapeito a toda a roda. Na base deste distribuíam-se gavetas de notável expressão artística, que adiante referiremos. No topo posterior, que fechava em semicírculo, de frente para o cliente, podia admirar-se uma lindíssima porta envidraçada, que tinha inscrito a palavra, «Laboratório», encimada por nicho em arco, debruado com um rodapé de trança de madeira, engoivada à mão. No laboratório existia um célebre almofariz para manipulação de químicos e uma lindíssima balança de precisão. Todo o tecto côncavo, era *entabuado* a capa e camisa, e rematado por lindíssimos frisos



Porta do «Laboratório Chimico»

A Farmácia teve a sua mais longínqua referência em **José António Vidal**, farmacêutico e químico, um homem distinto, natural de Vale de Ílhavo, vogal do júri dos que se propunham, então, à habilitação de «farmacêutico».

Era o tempo em que as mezinhas se faziam como expresso na «Farmacopeia Lusitana», ali à demanda do doente. Águas para tudo: *água magistral* para a dor da pedra de rim, feita com limões galegos, *água para a sarna* feita de tanchagem e solimão; *água para tísicos*,

feita de carne de tartaruga, e muitas outras aguadilhas. Ungentos (?!), mil!... *unguento mundificativo dos nervos*, feito de mel e terebintina, *unguento de fezes de ouro*, *unturas adversas do nariz*, mas e também da moral. E de *poses* estamos falados: havia-os para todos os malefícios e dos mais diversos tipos; pós *de João de Vigo*, e os *do papa beneditino* para os flatos, feito de coentros; e até os *pós de Maio* para as frieiras. Óleos (?) muitos e variados: *de marmelo*, *de alcaparras* e *de alacraus*. Tudo como na *Farmácia do Gaudêncio*.

Oliveira Vidal (**primeiro quartel séc. XVIII-1845**) foi o proprietário da primeira farmácia que abriu em Ílhavo (**7 de Novembro de 1807**). Da sua prole, uma das suas filhas, casou com **Alexandre Cesário Ferreira da Cunha**. Também este farmacêutico, discípulo de José Vidal, e que viria a assumir a farmácia do sogro. Alexandre Cunha – que suponho tenha dado o nome «**Cunha**» ao estabelecimento (**1836**) – terá tido um filho, **José Vieira** que foi também proprietário da farmácia. E que por sua vez a legou a seu filho, **Agostinho Vieira**. Finalmente, cerca de **1880**, a «**Farmácia Cunha**» chega às mãos do filho de Agostinho, **Manuel Ferreira da Cunha**.

A Farmácia Cunha tem, pois, a data de fundação de **1836**, sendo praticamente contemporânea da fundação da Fábrica da Vista Alegre. Por isso, na parte inferior do escaparate dos medicamentos, atrás referido, inseriam-se (*e estão preservadas*) vinte e quatro gavetas a que minha Mãe só muito tarde, soube, terem sido pintadas pelo francês **Rosseau**, o primeiro mestre pintor da **V.A.**



GAVETAS DA FARMÁCIA CUNHA (HOJE **FARMÁCIA SENOS**)

As pinturas das referidas gavetas – expressando um certo ruralismo romântico, onde vetustas mansões se inserem numa paisagem, tema autónomo do quadro, inserida pelo autor em primeiro plano –, embora tenham sido sujeitas a tratos de polé, resistiram a tudo. Até ao sabão de potassa e à escova de *piaçaba* usada para as esfregar, e abrilhar. São peças lindíssimas, em tom de mel, dignas de acervo museológico, como a fábrica da V.A, aliás pretendeu, em determinada data. Na farmácia existia, ainda, um número notável de frascos de vidro para conter os químicos, que a Vista- Alegre um dia, veio a verificar, tratarem-se terem sido dos primeiros vidros produzidos por aquela fábrica, tendo por isso solicitado alguns exemplares para expor no seu museu.



«Frascaria»

Só pois, tardiamente, se soube do facto, e desde então se começou a olhar para a *frascaria* assim se expressava no contrato de trespasse feito em **1944**, a minha Mãe – com minúcia, o que permitiu colher a percepção da raridade dos tons azulados, arrocheados, castanho amelado, verde garrafa, translúcidos ou transparentes, bem como as suas doces formas, de boca larga e boca estreita, muito elegantes no seu *design*. Restam uns tantos exemplares na família próxima. E na «Farmácia Senos», claro.

Julgamos interessante referir que uma outra filha de José Vidal casou com **Manuel José Gomes**, pai do cónego José Cândido de Oliveira Vidal; e pai também de **João Gomes**, farmacêutico, por sua vez pai de **João Carlos Gomes (1836-1886)**, este também farmacêutico e primo de um outro farmacêutico, **Dinis Gomes** (esta família **Gomes** foi apelidada de «os boticos»).

Voltemos a Manuel Ferreira da Cunha (**1863-1946**).

Tendo feitos os seus estudos em Aveiro, foi para Coimbra onde concluiu com rara distinção o curso de Farmácia. O ensino superior farmacêutico só nasceu verdadeiramente em **1836**. Manuel Ferreira da Cunha, como seu Pai, cursou já na Universidade de Coimbra,

o curso de **Farmacêutico de 1ª classe**. (os diplomas existem, e são públicos na farmácia actual).

Interessado pelo Ensino Público, é nomeado Inspector Primário Concelhio (**1884**), vindo a fazer parte da Junta Escolar Concelhia.

Colaborou, praticamente, em todos os jornais locais, nos distritais e até em alguns nacionais, da época: «Diário de Notícias», «O Século» «Ilustração Portuguesa» «Distrito de Aveiro» «Os Sucessos» «O Rebate» «Boletim da Liga Naval» «Ecos da Avenida» «Jornal de Ílhavo», «Gente Nova» «Terra dos Ílhavos», «Beira-Mar», «O Ilhavense».

Fez as biografias de Arcebispo Bilhano, Alexandre da Conceição, José Maria Ançã, Gabriel Ançã, Filipe de Oliveira, Samuel Maia, Sousa Martins e Sousa Teles. Foi correspondente do Jornal de Notícias - 40 anos! –, de «O Século» e do «Diário de Notícias». O seu primeiro artigo foi publicado no «Jornal da Manhã», em **1881**.

Participou na elaboração do Dicionário «Portugal»

Em **1888** foi eleito correspondente da Sociedade de Farmácia, e em 1908 foi convidado para o alto cargo de Membro da Academia «**Phisque Chimique Italienne**», para finalmente ser distinguido com o honroso convite para membro da «**Societè Académique d' Histoire International**». (**1924**)

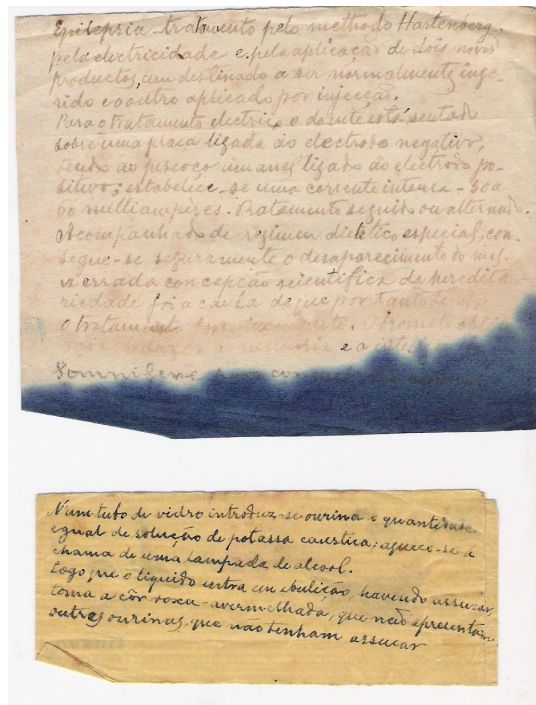
Durante a anexação do Concelho de Ílhavo, por Aveiro (1895), é Manuel Ferreira da Cunha que funda o «Movimento para a Restauração do Concelho», tendo sido ele com os seus escritos e petições quem alimentou a luta que levaria à reintegração, em **1898**. Foi ainda Ferreira da Cunha quem redigiu o agradecimento a José Luciano e Castro, agradecendo-lhe a referida reintegração. Em **1900** é eleito Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo.

Nos jornais locais Ferreira da Cunha será a primeira personagem a lançar a ideia de um Hospital para Ílhavo, continuada e concretizada por Viriato Teles..

Será ainda Ferreira da Cunha quem envia a petição ao Parlamento, para que seja concedida ao arrais, Gabriel Ançã, uma pensão de sobrevivência.

Ocupou o cargo de **Administrador do Concelho** entre **1900 e 1903**.

Recordo-me dele nas visitas quase diárias que fazia a sua casa, ligada internamente á Farmácia. Ia matar a sede ao púcaro de barro que havia na casinha, em cima da banca de lousa, com o caneco de esmalte pousado no prato que o tapava. Recordo-me de ver o tí Cunha, como lhe chamava, quase sempre rodeado de livros, ou de pena empunhada, a escrever numa letra muito certinha e alinhada, laudas de folhas de que infelizmente não sei o destino, e que urge recuperar. Aproveitava para o arrenegar com qualquer diabrura em que era useiro e vezeiro. O bom velhinho, lá fungava umas palavras, um misto de irritação e ternura que eu na altura nem apreciei devidamente. Era muito miudinho – por isso alcunhado de *Pissoquinhas*, pelo rapazio da rua – por ser muito pormenorizado, muito metódico, querendo tudo muito bem explicado, não se dispensando de vir dar conselhos a minha Mãe que o ouvia com muita atenção, certamente aproveitando o seu imenso saber.



Manuscritos de Ferreira da Cunha.

O inferior revela uma análise à urina para saber da presença de diabetes

A vida de Manuel Ferreira da Cunha foi *um exemplo de civilidade, tolerância, num homem virtuoso e bom, imbuído de um forte sentido de compreensão para com os outros*, disse-nos Américo Teles aquando do seu falecimento em 1946, em «O Ilhavense».

O seu arreigado sentido familiar, protector das irmãs a quem criou situações materiais aceitáveis ao tempo, é um exemplo de fraterna dedicação, renunciando a muita coisa de bom que poderia ter chamado só para si.

MFC foi um farmacêutico distintíssimo, muito meticoloso, honrando a classe de que fazia parte. Que lhe retribuiu quando por unanimidade lhe concedeu um voto de louvor na **Sociedade Farmacêutica Lusitana**, importante estrutura que muito contribuiria para o desenvolvimento das Ciências Farmacêuticas em Portugal, tendo-se salientado pela grande intervenção no campo da política profissional, farmacêutica.

Ilhavense dos mais ilustres da sua Terra, ninguém melhor que Ferreira da Cunha, e mais desinteressadamente, soube pugnar pelos legítimos interesses do nosso concelho refere Américo Teles em 25.08.1946.

Senos da Fonseca